No País das Utopias

J. C. Alencar Araripe

Uma das louváveis iniciativas da Presidência Geraldo Silva Nobre foi a criação do Fundo Editorial, pelo qual o Instituto do Ceará presta ajuda financeira ao sócio efetivo para publicação de livros, ajustando-se compromissos a que se obrigam as partes contratantes. E avulta, logo à primeira vista, o seu alcance e significação.

O escritor cearense depara-se com dificuldades ingentes para editar uma obra. Não há órgãos específicos que assegurem amparo oficial, o mundo empresarial não lhe oferece perspectivas, aqui e ali uma luz bruxuleante para confirmar a regra da exceção.

Não se estimulam as criações literárias, as pesquisas históricas, a memorialística tão rica de ensinamentos, as prospecções sociológicas, a análise econômica, social e política. O que surge é fruto, quase sempre, de custoso esforço pessoal, a que nem sempre corresponde um registro, no painel da comunicação, quando há espaço para tantas futilidades que não levam a nada.

Dir-se-á que a produção não é de boa qualidade. Exercite-se, já não direi a crítica, tarefa por sua natureza complexa, pelo menos a observação criteriosa e objetiva. Não é preciso nem possível aquele estirão das crônicas hebdomadárias de outrora. Os tempos são outros. O livro, não obstante, continua uma realidade. Não pode ser ignorado, sobretudo, pela elaboração mental que o seu projeto exigiu.

Jáder de Carvalho, convocado, certa vez, para opinar a respeito de *Trovas e reminiscências*, de José de Sales, oficial de justiça que se arvorava de poeta, não desapontou o amigo. Irreverente e cáustico, escreveu página de insuperável humor e sátira sobre curioso exemplar do bestialógico cearense. O episódio é cômico, mas o gesto de Jáder serve de lição pela mostra de sensibilidade que encerra.

Todo e qualquer programa cultural passa ainda pelo livro. O cientista e escritor Isaac Asimov, que pelas suas previsões chegou a ser comparado a Júlio Verne, fala em livros e bibliotecas no ano 2000, mesmo em meio a requintes tecnológicos de sociedades em adiantado estágio de evolução e quando será cada vez mais intensa a procura de lazer e recreação.

Dentro desse horizonte é que se insere e ganha expressão o Fundo Editorial do Instituto do Ceará. Modesto, sem dúvida, portador, porém, de uma mensagem de boa vontade e clarividente visão.

No país das utopias, hoje aqui lançado, com apresentação do eminente mestre Edmilson Monteiro Lopes, surge da parceria que Geraldo Nobre estruturou. Não tenho veleidades; contudo, para os mais exigentes, ao menos o título se salva pelo colorido de atualidade que sugere. Também não amesquinharia o conteúdo. Primeiro, pelo respeito que devo a mim mesmo e, principalmente, pelas figuras que desfilam, entre elas o governador Ciro Gomes, aqui presente, para consumar ato de extrema valia para o Instituto do Ceará e que terá ampla repercussão no plano cultural do Estado.

Pelas páginas de *No país das utopias* perpassam idéias, concepções, análise crítica, imagens de personalidades, projeção de acontecimentos. Indisfarçáveis, as desilusões sofridas pelo idealista e sonhador, ao ver se perderem oportunidades de ouro que tivemos de queimar etapas no processo desenvolvimentista.

Às vésperas do plebiscito sobre o sistema e forma de governo, não seria um despropósito advertir-nos da inconveniência e perigo das utopias, a que somos tão afeiçoados, apesar dos desenganos colhidos, dos dissabores arrostados e das frustrações que amarguram e deprimem.

Uma das notas dominantes do livro é a insurgência contra o hábito político de atribuir a certos procedimentos uma expectativa de resultados tão exagerados que gera o sonho e a quimera e, em seguida, a decepção e o desalento.

Qualquer que seja o veredito popular, não alimentemos a utopia de que o Brasil vai encontrar a solução imediata dos seus problemas. A conquista de tal objetivo demanda tempo e decorrerá não da invocação de panacéias e, sim, da constância, determinação e seriedade do trabalho das elites em consonância com o povo para implementar as reformas fundamentais, que estão na consciência de todos, mas cuja execução depende de firme decisão política do governo e da sociedade.

(Palavras proferidas na sessão solene do Instituto do Ceará a 04 de março de 1993).